



Língua portuguesa e internacionalização num caminho de compromisso: políticas e práticas de três revistas científicas de acesso aberto na área das Ciências da Comunicação

Moisés de Lemos Martins & Marisa Mourão

moisesm@ics.uminho.pt; marisavmourao@gmail.com

Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, Portugal

<http://orcid.org/0000-0003-3072-2904>; <https://orcid.org/0000-0001-5662-3168>

Resumo

Face à hegemonia do modelo de publicação dos países anglo-saxónicos, inclusivamente nas Ciências Sociais e Humanas, entendemos como necessário o debate das políticas científicas, de língua e de comunicação, no sentido de promover uma comunidade científica atenta à diferença linguística, e à diversidade cultural e científica que as distintas línguas tornam possível. Neste debate, não podemos ignorar as responsabilidades dos editores de revistas científicas. Por isso, importa refletir sobre as responsabilidades e possibilidades de atuação. Coloca-se a tónica nas línguas de ciência, não ignorando as vantagens da existência de uma língua franca, sobretudo pelo esbatimento de barreiras de acesso e pela visibilidade, mas tendo presentes, antes de mais, as dificuldades colocadas aos falantes não nativos, assim como a subordinação linguística, cultural, política e científica, que decorrem da existência de uma língua hegemónica na ciência. Nestas circunstâncias, propomos a opção por um caminho de compromisso, com publicações bilingues. Não se trata de um modelo de acesso universal, mas o caminho para que apontamos promove uma maior diversidade e é mais inclusivo. Fundamos a nossa proposta na experiência de três revistas científicas do campo da Comunicação: *Comunicação e Sociedade*, *Revista Lusófona de Estudos Culturais* e *Vista*.

Palavras-chave: revistas científicas, acesso aberto, línguas de ciência, internacionalização

Portuguese language and internationalisation in a path of compromise: policies and practices of three open access journals in Communication Sciences

Abstract

Considering the hegemony of the publication model of the Anglo-Saxon countries, including in the Social Sciences and Humanities, we believe that the debate on scientific, language and communication policies is essential to promote a scientific community aware of the linguistic difference the cultural and scientific diversity that different languages provide. In this debate, we must not neglect the scientific journal editors' responsibilities. Thus, it is essential to reflect on their responsibilities and possible courses of action. The focus lies on the languages of science, without disregarding the advantages of a *lingua franca*, especially for reducing gaps in access and for their visibility, but bearing in mind, above all, the constraints for non-native speakers and the linguistic, cultural, political and scientific subordination derived from a hegemonic language in science. Against this background, we propose to compromise with bilingual publications. It is not a universal access model, but the path we aim at promotes greater diversity and is more inclusive. We base our proposal on the experience of three scientific journals on Communication: *Comunicação e Sociedade*, *Revista Lusófona de Estudos Culturais/Lusophone Journal of Cultural Studies* and *Vista*.

Keywords: scientific journals, open access, languages of science, internationalisation

Nota introdutória

Num cenário em que “fazer ciência” parece implicar obrigatoriamente publicar (1) em inglês, a língua dominante; (2) sob o formato de artigo publicado numa revista científica; (3) seguindo o formato introdução, métodos, resultados e discussão; e (4) publicando numa revista com “fator de impacto” (Serra, 2017), as Ciências Sociais e Humanas não ficam à margem deste paradigma. O modelo de publicação dos países anglo-saxónicos tornou-se, aliás, hegemónico, até nesta área em que foram encontradas mais resistências e em que a penetração foi mais tardia (Gradim & Morais, 2016).

Face a este cenário, como podem, então, atuar os editores das revistas de acesso aberto das Ciências Sociais e Humanas? Que responsabilidades têm? Existe espaço para um caminho alternativo? Que caminho poderá ser esse? E que desafios se colocam? São estas as questões levantadas neste breve texto, que ilustraremos com o caso de três revistas científicas de acesso aberto, as quais, numa área particular das Ciências Sociais e Humanas, as Ciências da Comunicação, procuram um caminho de compromisso.

Diversidade linguística num paradigma de subalternidade: uma proposta alternativa

Assumindo que as políticas de ciência, de língua e de comunicação exprimem uma luta pela ordenação simbólica do mundo (Bourdieu, 1977, 1979, 1980, 1982) e que, por isso, não são neutras, importa discutir as suas consequências.

Falemos da língua. O inglês é, hoje, considerado a língua franca da ciência e não ignoramos, obviamente, as vantagens. Antes de mais, estamos perante benefícios práticos: eliminação de barreiras de acesso e de comunicação da produção científica e também o crescimento da sua visibilidade, aumentando, como consequência, a probabilidade de citação. Todavia, esta hegemonia de uma língua de ciência também se apresenta como uma clara desvantagem para os falantes não nativos, que têm de se expressar numa língua estrangeira (Gradim & Morais, 2016). Além disso, a existência de uma língua hegemónica na ciência significa a subordinação linguística, cultural, política e científica, de todas as outras línguas, o que também quer dizer, de todas as outras culturas. Ou seja, a naturalização do paradigma dominante perpetua o modelo anglo-saxónico da ciência, propaga as desigualdades e apaga as diferenças.

Entende-se, portanto, como estratégico o debate das políticas científicas, de língua e de comunicação, de modo a contrariar o paradigma atual. Defendemos a existência de uma comunidade científica diversa, que se exprima nas suas distintas línguas, as quais, por serem de pensamento, conhecimento e cultura, concorrem para a construção de uma comunidade científica multifacetada, contrariando a visão de um mundo monocolor.

Não esquecemos que as políticas de ciência, de língua e de comunicação são sobretudo desenvolvidas pelos governos nacionais. Esta circunstância reserva às comunidades científicas um papel marginal (Martins, 2012). Contudo, não podemos ignorar a existência de várias frentes neste combate pela sobrevivência plural e pela diversidade dos povos e das culturas que somos. E, neste combate, os editores também têm responsabilidades.

Por outro lado, a opção por uma língua que não seja o inglês parece embater de frente com um outro aspeto do paradigma hegemónico, as métricas, dado que poderá limitar a visibilidade dos artigos. É aqui que começa o caminho de compromisso, um dos três caminhos apresentados por Serra (2017) como resposta ao atual paradigma da ciência, em particular no que diz respeito à língua. A solução aqui apontada não implica, naturalmente, que não se reconheçam as desvantagens de um ecossistema científico centrado nas métricas. As desvantagens existem, desde logo, porque implica uma adulteração completa do significado da própria avaliação, a qual, baseada no fator de impacto, deixa de se seguir à publicação (Biagioli & Lippman, 2020), desviando o foco da qualidade. Contudo, não podemos ignorar que ciência é linguagem e poder (Martins, 2017b) e que nunca se age como se quer, mas sim como se pode, em condições concretas de espaço, tempo e interlocução (Martins, 2017a).

Há, ainda assim, um outro motivo que nos parece determinante para este compromisso: a barreira linguística. Mesmo numa revista de acesso aberto o fator linguístico coloca barreiras no acesso e na transferência de conhecimento que poderão ser esbatidas pela inclusão do inglês.

Não propondo um modelo de acesso universal, apontamos, contudo, para um caminho mais aberto à diversidade e mais inclusivo, mas talvez menos sustentável, tendo em conta os custos que impõe. Assim, excluem-se os restantes caminhos apontados por Serra (2017), o da submissão ao paradigma hegemónico e o da recusa desse paradigma. A nossa proposta é a de que seja seguido um caminho de compromisso, o qual já está a ser seguido, aliás, por algumas revistas portuguesas e brasileiras da área das Ciências da Comunicação, o que implica a publicação de artigos em duas línguas.

Este caminho, que parece dar os seus frutos, é o seguido por três revistas de acesso aberto – *Comunicação e Sociedade*, *Revista Lusófona de Estudos Culturais* e *Vista*, todas do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho. O caso destas revistas apresenta-se, todavia, como excepcional, num quadro de 19 revistas portuguesas de Ciências da Comunicação, entre as quais se regista uma tendência progressiva para publicações linguisticamente híbridas (Martins, 2021). Enquanto a *Revista Lusófona de Estudos Culturais* e a *Vista* ainda estão a dar os primeiros passos no processo de internacionalização e indexação, a *Comunicação e Sociedade*, a segunda publicação mais antiga da área no panorama nacional, já tem um vasto caminho.

Um caminho de compromisso na prática: o caso de três revistas do campo da Comunicação

A revista *Comunicação e Sociedade* (<https://revistacomsoc.pt>) tem mais de 20 anos (1999), é semestral e pretende aprofundar a análise de fenómenos comunicacionais, contribuindo para a leitura da realidade social. A revista encontra-se em diversas bases de dados nacionais e internacionais. Interessa destacar a sua aprovação no ERIH PLUS, assim como a sua presença na Scopus, no SciELO, e também no DOAJ (Directory of Open Access Journals).

A *Revista Lusófona de Estudos Culturais* (<https://rlec.pt>) é publicada desde 2013, sendo uma publicação semestral da área dos Estudos Culturais. A *Vista* é uma revista científica de Cultura Visual e de Artes Digitais, criada em 2015, que segue a modalidade de publicação contínua. Ambas são recentes, pelo que estão agora a dar os primeiros passos na indexação. Ainda assim, é de realçar a sua aprovação no ERIH PLUS, assim como a presença de ambas no DOAJ.

A *Comunicação e Sociedade* é bilingue (em português e inglês), desde 2013. A *Revista Lusófona de Estudos Culturais* “nasceu” bilingue, em 2013. E a *Vista* publica artigos em português e em inglês desde 2021, na sequência da sua transição para o Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade¹. Esta opção radica nas políticas editoriais do centro de investigação que edita estas publicações.

A obrigatoriedade do português não se esbate, ainda assim, com a procura da internacionalização. Veja-se o que já assinalámos, sobretudo a respeito do amplo percurso de *Comunicação e Sociedade*, uma revista já indexada em diversas bases de dados. O compromisso é estabelecido precisamente com a língua inglesa, permitindo um tal compromisso incluir autores, revisores, editores e leitores, falantes de diversas línguas, sem descuidar a comunidade lusófona. Aliás, desde logo é de referir a tendência de existência de editores estrangeiros a coordenar as diversas edições da *Comunicação e Sociedade* e da *Revista Lusófona de Estudos Culturais*.

A viabilidade desta opção é também visível nos próprios downloads das revistas, sendo naturalmente a *Comunicação e Sociedade* a mais bem posicionada, uma questão que poderá estar relacionada com a sua antiguidade, e também com a sua já ampla presença em diversas bases de dados. Em síntese e tendo em consideração os meses de janeiro a julho de 2021, podemos dizer que a revista conta com uma média 6.085 downloads por mês. Por sua vez, a *Revista Lusófona de Estudos Culturais* conta com 2.206 e a *Vista*, a mais recente, não vai além de 526 downloads.

Naturalmente, estes resultados favoráveis não dependem somente de opções linguísticas. Dependem também de uma procura por seguir boas práticas editoriais e de ciência aberta, enfim, de um permanente combate pela qualidade das revistas.

No que diz respeito às opções linguísticas em particular, não podemos ainda assim deixar de apontar algumas limitações. Em primeiro lugar, é bom não esquecer que a publicação de artigos, em português e em inglês, apesar do esbatimento de barreiras linguísticas, não garante um acesso universal. Em segundo lugar, são de apontar duas questões que se prendem até com a própria sustentabilidade das publicações. O fluxo de trabalho torna-se muito mais demorado porque é sempre exigida uma fase de tradução aos autores, questão que na *Vista* se procurou minimizar através da modalidade de publicação contínua. Além disso, a edição bilingue exige um custo adicional, tanto aos autores, que precisam de traduzir o seu trabalho, como a toda a equipa editorial envolvida na produção, uma vez que tem de operar no sentido de garantir a qualidade e a edição de ambas versões.

Notas finais

Não sendo as opções linguísticas neutras, os editores de revistas científicas tornam-se também responsáveis pela criação de uma comunidade científica multifacetada. Essa diversidade assenta, sem dúvida, na definição de políticas linguísticas que a possam garantir, por muito que não possamos ignorar as vantagens da língua inglesa. Nestas circunstâncias, é de compromisso o caminho que propomos. As revistas aqui em estudo fazem uma opção pela publicação em inglês, mas não rejeitam o português como língua de ciência. Em conclusão, a definição de uma política de publicação bilingue apresenta-se como um combate na luta contra o empobrecimento da língua. Não se trata, propriamente, de apresentar um modelo de acesso universal, mas de propor um modelo que garanta maior diversidade e a inclusão. Esta opção constitui um grande desafio, dado que a produção de revistas bilingues é muito mais dispendiosa e exigente. Mas o caminho seguido pelas revistas *Comunicação e Sociedade*, *Revista Lusófona de Estudos Culturais* e *Vista* constitui um argumento a favor da sua viabilidade.

Agradecimentos

Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto UIDB/00736/2020.

Referências bibliográficas

Biagioli, M., & Lippman, A. (2020). Introduction: Metrics and the new ecologies of academic misconduct. In M. Biagioli & A. Lippman (Eds.), *Gaming the metrics: Misconduct and manipulation in academic research* (pp. 1–23). MIT Press.

<https://doi.org/10.7551/mitpress/11087.003.0001>

Bourdieu, P. (1977). Sur le pouvoir symbolique. *Annales*, 32(3), 405–411.

Bourdieu, P. (1979). *La distinction. Critique sociale du jugement*. Éditions de Minuit.

Bourdieu, P. (1980). L'identité et la représentation. Éléments pour une réflexion critique sur l'idée de région. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 35.

Bourdieu, P. (1982). *Ce que parler veut dire. L'économie des échanges linguistiques*. Fayard.

Gradim, A., & Morais, R. (2016). *Anões aos ombros de gigantes: Desafios contemporâneos da comunicação de ciência*. Livros Horizonte.

Martins, M. L. (2012). A política científica e tecnológica em Portugal e as ciências da comunicação: Prioridades e indecisões. In M. Kunsch & J. M. Melo (Eds.). *Comunicação Ibero-americana: Sistemas midiáticos, diversidade cultural, pesquisa e pós-graduação* (pp. 331–345). Confibercom; Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo.
<http://hdl.handle.net/1822/23931>

Martins, M. L. (2017a). *A linguagem, a verdade e o poder – Ensaio de semiótica social*. Húmus. <http://hdl.handle.net/1822/48230>

Martins, M. L. (2017b). *Crise no castelo da cultura – Das estrelas para os ecrãs*. Húmus. http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/cecs_ebooks/issue/view/234

Martins, M. L. (2021). Políticas científicas e línguas de ciência: O caso das revistas de ciências da comunicação em Portugal. In C. M. K. Peruzzo, M. L. Martins, & R. Gabrioti (Eds.), *Revistas científicas de comunicação ibero-americanas na política de divulgação do conhecimento: Tendências, limitações e os desafios de novas estratégias* (pp. 125–141). UMinho Editora/Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade.
<https://doi.org/10.21814/uminho.ed.43.9>

Serra, P. (2017). As línguas francas em ciência e a questão dos paradigmas. In M. L. Martins (Ed.), *A internacionalização das comunidades lusófonas e ibero-americanas de ciências sociais e humanas – O caso das ciências da comunicação* (pp. 261–276). Húmus.
http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/cecs_ebooks/article/view/2724

ⁱ A revista foi criada em 2015 pelo Grupo de Trabalho de Cultura Visual da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação e, no segundo semestre de 2020, passou a ser editada pelo Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade.